

Sexo, casamento e solidão

Marcelo Neri

*Chefe do Centro de Políticas Sociais do IBRE/FGV e da EPGE/FGV
mcneri@fgv.br*

Durante a Copa de 1970 o Brasil cantava “90 milhões em ação...” orgulhoso não só do futebol apresentado como do tamanho da população — hoje, contamos mais de 90 milhões de mulheres em ação nos mais diversos campos de estudo, de trabalho e dos negócios. Neste trajeto, elas precisaram antes revolucionar costumes e convenções a começar pela forma de se relacionar com os homens. Fazemos um retrospecto de algumas dessas transformações. Privilegiamos as mudanças ocorridas no casamento, na religião, na maternidade e suas relações com outras transformações ocorridas na economia e na sociedade.

Oferecemos inicialmente uma visão das mudanças numa perspectiva do ciclo da vida, através da provisão de dados organizados por cortes etários em dois pontos do tempo: 1970 e 2000. Além de comparar perfis etários de mulheres e homens e contrastar mulheres de idades iguais em anos diferentes, acompanhamos a trajetória da mesma geração de mulheres ao longo de um intervalo de 30 anos de vida. Centramos a análise aqui na geração de mulheres nascidas na segunda metade dos anos 40, e que, portanto, tinham 25 a 29 anos em 1970 e 55 a 60 anos em 2000. Esta é a geração de Leila Diniz, chamada no seu tempo de subversiva da moral e dos bons costumes que teria entrado na terceira idade (60 anos) agora no dia 25 de março.

A separação conjugal passou a constituir destino de um número maior de mulheres (com mais de 20 anos). Eram 4,13% descasadas, em 1970, e passam a 6,97%, em 2000 (3,97% nos homens). Elas possuem maiores taxas em todos os tipos de descasamentos (judiciais ou não) — reconstituem menos outros casamentos que os homens. O pico do descasamento é de 11,34% atingido para aquelas entre 50 e 54 anos de idade (6,08% dos homens). Esse crescimento no descasamento foi impulsionado pelas separações judiciais, ou seja, elas estariam oficializando mais suas desuniões.

Em geral, as mulheres são menos solteiras do que os homens: 22,51% contra 25,84%. Essa diferença entre os sexos se dá principalmente na juventude, com inversão nas taxas, a partir dos 40 anos. Na terceira idade, são 12,62% delas contra 6,88% deles. Dessas, metade nunca tiveram união. Na geração de Leila Diniz, mulheres com 25 a 29 anos de idade em 1970, apenas 25,02% eram então solteiras, contra 30,59% dessa mesma faixa etária em 2000.

Revolução — Houve grande aumento de uniões consensuais das mulheres entre 1970 e 2000 (de 4,39% para 16,53%). Elas lideram nas faixas mais jovens até o pico de 25,67% (25 a 29 anos). Essa mesma faixa apresentava taxa de 5,94%, em 1970, o que seria a geração de Leila Diniz que chega com 7,47%, em 2000. A maior revolução dos últimos anos está nesse tipo de união, responsável pelo aumento de solteiras e queda de casamentos. Em 30 anos, a taxa de casamentos formais cai de 41,48% para 34,49% entre as mulheres, com redução

Situação conjugal das mulheres – 1970 e 2000

	Total		Geração Leila		
	2000	1970	25 a 29 anos		55 a 59 anos
			2000	1970	
Solitárias	38,38	35,47	34,75	28,97	38,27
Descasadas	6,97	4,13	3,80	3,01	10,59
Separadas	2,83	3,78	1,77	2,79	4,24
Desquitadas	2,26	0,35	1,23	0,22	3,40
Divorciadas	1,88	0,00	0,80	0,00	2,94
Solteiras	22,51	20,68	30,59	25,02	11,61
Nunca tiveram união	16,64		24,13		6,15
Já tiveram união	5,88		6,46		5,46
Viúvas	8,90	10,65	0,36	0,94	16,07
Acompanhadas	61,62	64,43	65,25	70,96	61,73
Casadas no civil e religioso	31,46	42,08	24,15	44,54	41,73
Casamento só no civil	10,90	8,75	12,59	10,79	8,95
Casamento só no religioso	2,73	9,20	2,85	10,29	3,57
Unidas consensualmente	16,53	4,39	25,67	5,34	7,47

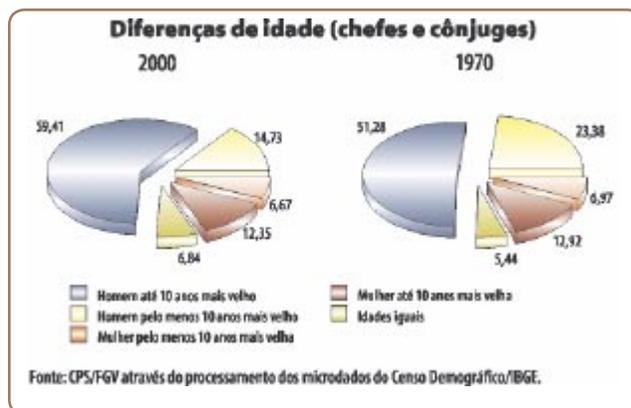
Fonte: CPS/IBRE/FGV processando os microdados do Censo Demográfico/IBGE.

de nove pontos percentuais de casamentos religiosos. Tais como no mercado de trabalho e na previdência, há movimentos em direção à informalidade conjugal.

Mudanças nos costumes levaram as mulheres a transformar seu papel nos domicílios. Em 2000, 14,8% são chefes de família (eram 5,1%, em 1970). Na fase típica de constituição de família, dos 25 aos 34 anos, o diferencial de sexos sobe de 20% para 60%. As mulheres assumem essa posição em idades mais avançadas. Na geração Leila, um ganho de taxa de chefia domiciliar de 30 pontos de porcentagem de 1970 para 2000: passa de 4,38% para 34,3%, respectivamente.

Na área da educação, hoje observamos 41,75% das mulheres, entre 25 e 60 anos, com oito ou mais anos de estudo contra 39,02% dos homens, invertendo a desigualdade de gênero antes observada. Na geração Leila, 21,61% das mulheres possuem oito anos ou mais de estudo, em 2000, taxa oito pontos de porcentagem acima da apresentada em 1970, quando tinha de 25 a 29 anos.

Religião — A análise da evolução do acervo de variáveis socioeconômicas e demográficas brasileiras, revela que poucas mudaram tanto quanto a escolha religiosa. A comparação de 1940 a 2000 indica crescente troca do catolicismo por ateísmo e por religiões alternativas em todas as faixas etárias. Talvez a maior rival da transformação religiosa supracitada, em magnitude, seja o incremento da participação da mulher no mercado de trabalho. Investigamos possível associação entre mudança de religião e ascensão feminina. As mulheres são hoje, como sempre foram desde que o Brasil é Brasil, mais religiosas que os homens: 5,7% delas não possuem crença, contra 9% deles. Em 1940, essas taxas eram 0,25% e 0,17%, respectivamente. Ou seja, os homens migraram mais para a não-religiosidade no período e as



mulheres para religiões alternativas. Atualmente, entre quem professa algum credo, 78% das mulheres são católicas contra 82% dos homens. Em 1940, a ordenação destas taxas era invertida, correspondendo a 96% e 95%, respectivamente.

Por que, agora, as mulheres optam mais intensamente que os homens por crenças alternativas ao catolicismo dominante? Questões centrais para as mulheres de hoje, como contra-concepção, divórcio e conquista profissional são tabus para a Igreja Católica. A independência feminina conquistada nas últimas décadas foi acompanhada de revolução de costumes. Enquanto os homens abandonaram as crenças, as mulheres trocaram de crença, preservando mais que eles a religiosidade. O catolicismo é patriarcal, já a religiosidade é mais feminina que masculina, passada da mãe às filhas e aos filhos.

Mães — Hoje, existem 46 milhões de mães no Brasil, metade das mulheres. Cada mãe tinha três filhos vivos, sendo 1,7 morando em casa e 1,3 fora. O número de filhos homens em casa supera o das filhas (0,9 contra 0,8), refletindo que mulheres constituem família mais cedo. Nasceram mais meninos que meninas (51,2% contra 48,8% dos caçulas), invertendo as proporções da população existente. Morrem mais filhos (0,21) que filhas (0,16) por mãe. Dos filhos e filhas caçulas, 97% estão vivos. Esta estatística cai com a idade da mãe de 99%, para aquelas de 25 anos, e chega a 92% para as de mais de 60 anos. A idade média do caçula é de 15 anos, indicando o tempo decorrido desde a última gravidez. Cerca de 60% das mães têm mãe viva e 13,1% delas moram com as suas respectivas mães. Esta estatística cai de acordo com o estrato social de 20%, entre as mães de classe E, para 6% daquelas nas classes A1 e A2.

A taxa de fecundidade ficou mais ou menos estabilizada entre 6,3 e 5,8 filhos por mulher, entre 1940 e 1970, caindo fortemente nas décadas de 70 (4,4 filhos por mulher, em 1980) e 80 (2,9, em 1991), mas relativamente menos na década de 90 (2,3, em 2000). A queda da fecundidade foi mais intensa em áreas mais pobres, provocando movimento de convergência entre Nordeste e Sudeste e áreas rurais e urbanas.

A solidão é senhora¹ — A solidão conjugal feminina, aí incluindo as solteiras, as descasadas e as viúvas, que atingia 55,3% das mulheres com mais de 10 anos, em 1970, caiu nas últimas três décadas. Hoje, são 36,2 milhões de mulheres sozinhas, cerca de 51,7% do total. Essa queda se deu principalmente entre as mais jovens e impulsionado pelo aumento nos casamentos informais, que atingem 10,7% das mulheres entre 15 e 19 anos, em 2000 (era 1,39% em 1970). Se considerarmos apenas as mulheres com mais de 20 anos, a solidão aumenta de 35,5% para 38,4%, entre 1970 e 2000, e fica praticamente estável entre os homens na mesma faixa etária (de 31,3% para 31,6%).

Uma forma mais geral, sintética e precisa de se separar efeitos demográficos derivados de alterações da estrutura etária da população feminina das mudanças comportamentais de mulheres de cada faixa etária, é simular os efeitos do comportamento de 2000 com a estrutura etária de 1970. A lição é que o número de solitárias cresce, entre 1970 e 2000, quando o mesmo deveria cair pelos efeitos demográficos puros. A proporção de descasadas e de viúvas deveria subir pelo envelhecimento da população, enquanto o de solteiras cairia pelo mesmo motivo. O último efeito dominaria pelo seu maior peso relativo os outros dois. Senão vejamos: 1) a proporção de descasadas subiria de 4,1% para 5,1% pelo efeito demográfico, mas sobe ainda mais 1,9 pontos de percentagem, atingindo 7% pelo efeito comportamental; 2) a proporção de viúvas subiria de 10,7% para 10,8% pelo efeito demográfico, mas cai para 8,9% pelo efeito comportamental — ou seja, as viúvas estão mais velhas, mas muito casadoiras; e 3) a proporção de solteiras cairia de 20,7% para 17,2% pelo efeito demográfico, mas aumenta para 22,5% pelo efeito comportamental. Em suma, a propensão comportamental das mulheres é de ficarem menos no status viúvas, contudo mais descasadas e mais solteiras. Analisando o conjunto de solitárias, a proporção cairia de 35,5% para 33,2% pelo efeito demográfico, mas aumenta para 38,4% pela escolha realizada por cada idade. Em resumo: há maior tendência comportamental das mulheres pela vida solitária.

De modo geral, os procedimentos conjugais são bastante distintos entre homens e mulheres, elas atingem maiores taxas de solidão em idades mais avançadas, enquanto eles são mais sozinhos na juventude, caminhando em direção ao matrimônio ao longo do ciclo da vida. A partir dos 35 anos de idade, a cada ano, a diferença entre as taxas de solidão de mulheres e homens cresce — em média — 1 ponto percentual. Na casa das pessoas com mais de 60 anos, a taxa de solidão entre as mulheres chega a 2,6 vezes à dos homens. Existem algumas explicações para isso: 1) o fato de as mulheres viverem cada vez mais que os homens; 2) a maior preferência de mulheres por homens mais velhos (e/ou vice-versa); e 3) a maior independência econômica feminina conquistada nos últimos anos.

Há maior participação feminina na população como um todo, apesar da elevada frequência de nascimentos masculinos, pelo fato de elas viverem mais, representando 55,1% da população com mais de 60 anos. Além disso, é comum a união entre homens mais velhos com mulheres mais novas (33 milhões dos 36 milhões de casamentos formais ou informais), o que intensifica mais a desvantagem demográfica das mulheres. Em 2000, cerca de 74% dos casamentos (formais ou informais) são compostos por homens mais velhos que as mulheres, 19% vale o inverso e em 6,9% a idade é igual. No caso mais extremo, quando as diferenças de idade são acima de uma década, temos 14,7% dos homens e 6,67% de mulheres pelo menos 10 anos mais velho(a)s que a(o)s respectiva(o)s. Em 1970, era ainda mais comum a união entre homens e mulheres com diferenças de idade superior a 10 anos.

A solidão é mais presente entre as mulheres com melhor situação socioeconômica, ou seja, as solitárias tendem a apresentar um nível de escolaridade maior e ter melhores salários em relação à média das brasileiras. O maior nível de educação das solitárias é comprovado quando analisamos mulheres com as mesmas características, exceto educação. Observa-se que a possibilidade de uma mulher desacompanhada ter mais de 12 anos de estudo é de quase 70% superior do que para as sem instrução. A chance de encontrarmos mulheres solitárias nas capitais (142% maior) do que na área rural e na área urbana grande (98% maior) é mais elevada, dada a maior independência econômica feminina, principalmente nos maiores centros.

Concentração — Dando continuidade à análise demográfica, destacamos os estados e os municípios brasileiros onde há maior concentração de mulheres (com 10 anos ou mais) sozinhas. Todos os cinco municípios com maior percentual de solitárias se localizam na Bahia. Dos cinco municípios com menor percentual, quatro são de Mato Grosso, onde há uma maior prosperidade econômica devido principalmente ao setor agrícola.

Mais acompanhadas			Mais solitárias				
	%	UF		%	UF		
1	Borá	73,16	SP	1	Teodoro Sampaio	65,88	BA
2	Sapezal	71,18	MT	2	Jussiape	64,27	BA
3	Nova Maringá	70,03	MT	3	Anguera	63,77	BA
4	Nova Ubiratã	69,82	MT	4	Lamarão	63,56	BA
5	Nova Bandeirantes	69,74	MT	5	Terra Nova	63,10	BA

Fonte: CPS/IBRE/FGV a partir dos microdados Censo Demográfico de 2000/IBGE.

Ao compararmos mulheres de diferentes Estados, mas mantendo iguais as demais características observadas como idade e educação, os nordestinos são, de uma forma geral, os com o mais elevado percentual de mulheres sozinhas, destacando-se Bahia, Pernambuco e Paraíba entre os três com maior oportunidade de possuir mulheres solitárias em relação a São Paulo. Simulações relativas à probabilidade de mulheres com determinadas características estarem solitárias existem. Para uma mulher, por exemplo, que esteja entre 30 e 39 anos, branca, com, pelo menos, nível superior incompleto, situada entre os 20% mais ricos e morando na cidade do Rio de Janeiro, a probabilidade de estar solitária é 42,4%. Já para mulheres com as mesmas características, porém que more no Mato Grosso, a probabilidade cai para 34,5%, e na Bahia a probabilidade de estar sozinha aumentaria para 45,6%.

Conclusões — Mal comparando, na análise do perfil etário tiramos retratos de diferentes gerações em anos diferentes. Na análise de corte combinamos estes mesmos retratos de forma a traçar o filme da vida de cada geração. Em particular, revisitamos o “filme” da geração de Leila Diniz, nascida em 1945. Esta também é a geração de outro revolucionário, Lula², nascido meses após Leila. Nas cenas tiradas da geração de 45 vimos uma crescente migração para as cidades e o engajamento na produção de bens industriais.

Mas a história das mulheres brasileiras nas últimas três décadas é mais significativa do que a dos homens. Elas, identificadas no passado como do “sexo frágil”, protagonizaram uma revolução de costumes com início nas casas e escolas, conquistando maior autonomia e independência. A transformação caracterizou-se por menor religiosidade e maior adesão a crenças alternativas ao catolicismo; e separou-se do marido mais na maturidade e assumiu com maior intensidade a chefia dos domicílios. E também adiou a idade de casamento e alcançou maior escolarização, que hoje supera a dos homens. Elas foram à luta. ■

¹Este ensaio foi feito em co-autoria com Luisa Carvalhaes.

²O feito do filho de analfabetos que sai da pobre Garanhuns, vira líder metalúrgico, cria partido político e chega a presidência é analisado em artigo na *Conjuntura* de Setembro de 2004.